

LITERATURA INFANTIL E JUVENIL E FORMAÇÃO DO LEITOR: UMA ANÁLISE DA OBRA "BISA BIA, BISA BEL", DE ANA MARIA MACHADO

Juliani Cristina da Silva¹

RESUMO: Este artigo apresenta uma análise do livro *Bisa Bia, Bisa Bel*, de Ana Maria Machado, à luz da literatura infantil e juvenil e de suas funções na formação do leitor. Fundamentado em autores como Candido (1988), Lajolo (2001), Zilberman (2005), Jauss (1994), Iser (1996) e Eco (2013), o estudo discute aspectos estéticos, simbólicos e pedagógicos da narrativa, com enfoque na construção da identidade da personagem-protagonista e na ação do leitor como coautor do texto, entendido como processo de criação de sentidos. A análise é embasada nos seguintes conceitos: A Estética da Recepção e do Método recepcional, que articulam a leitura literária ao desenvolvimento crítico e sensível do leitor. Autores como Coelho (2000) e Colomer (2003) reafirmam a relevância da literatura no âmbito escolar. Articulando vozes femininas de diferentes períodos temporais, a obra revela-se como um canal potente de reflexão, humanização e emancipação do leitor infantil e juvenil.

Palavras-chave: Literatura. Formação de Leitores. Representações femininas

LITERATURA INFANTIL Y JUVENIL Y DESARROLLO DEL LECTOR: ANÁLISIS DE LA OBRA «BISA BIA, BISA BEL», DE ANA MARÍA MACHADO

RESUMEN: Este artículo presenta un análisis del libro *Bisa Bia, Bisa Bel*, de Ana María Machado, desde la perspectiva de la literatura infantil y juvenil y sus funciones en el desarrollo del lector. Basándose en autores como Cándido (1988), Lajolo (2001), Zilberman (2005), Jauss (1994), Iser (1996) y Eco (2013), el estudio aborda los aspectos estéticos, simbólicos y pedagógicos de la narrativa, centrándose en la construcción de la identidad de la protagonista y el rol del lector como coautor del texto, entendido como un proceso de creación de significado. El análisis se basa en los siguientes conceptos: la Estética de la Recepción y el Método de Recepción, que vinculan la lectura literaria con el desarrollo crítico y sensible del lector. Autores como Coelho (2000) y Colomer (2003) reafirman la relevancia de la literatura en el ámbito escolar. Al articular voces femeninas de diferentes épocas, la obra se revela como un poderoso canal para la reflexión, la humanización y la emancipación del lector infantil y juvenil.

Palabras clave: Literatura. Desarrollo del lector. Representaciones femeninas.

Introdução

A literatura infantil e juvenil brasileira apresenta uma diversidade de obras que transcendem os limites do entretenimento e assumem papel fundamental na formação ética, estética e cidadã do leitor. Dentre essas, *Bisa Bia, Bisa Bel* (1982), de Ana Maria Machado, se destaca não apenas pela originalidade estrutural, mas pela sensível abordagem sobre

¹ Mestre em ensino (PPGEN IFMTCuiabá-MT Brasil). Professora de Letras de Mato Grosso. E-mail: juliani.silva@unemat.br.

identidade, memória e emancipação feminina. A narrativa, construída a partir do entrelaçamento de três vozes femininas, a bisavó (Bisa Bia), a protagonista (Bel) e a futura bisneta (Beta), apresenta uma complexa rede de temporalidades e experiências que provocam o leitor a refletir sobre seu próprio lugar no tempo e na sociedade.

A proposta deste artigo é realizar uma análise literária e pedagógica da obra, considerando sua recepção em ambientes escolares e a potencialidade estética e formadora que carrega, pois como afirma Candido (1996, p. 182), “a literatura humaniza na medida em que amplia o horizonte de sentimentos, de ideias e de experiências”. Candido evidencia a função humanizadora da leitura literária, mostrando que ela vai além do simples entretenimento ou da decodificação de palavras, ela atua na formação ética, emocional e intelectual dos leitores. Portanto, o artigo visa analisar a obra não apenas em termos literários, mas também como recurso pedagógico capaz de contribuir para o desenvolvimento humano dos estudantes, enriquecendo suas vivências e estimulando sua sensibilidade.

O artigo se fundamenta nas contribuições teóricas de: Antônio Candido (1996), que enfatiza a função humanizadora da literatura; Marisa Lajolo e Regina Zilberman (2001, 2005), que discutem o papel da literatura infantil na formação leitora; bem como nos princípios da Estética da Recepção, formulados por Hans Robert Jauss (1994) e Wolfgang Iser (1996), e na noção de “obra aberta” proposta por Umberto Eco (2013). Complementa-se esta análise com estudos baseados no Método Receptional, que analisa a forma como a obra *Bisa Bia*, *Bisa Bel* é recebida por alunos do ensino básico, evidenciando seu potencial para despertar novas percepções de mundo e de identidade. Assim, este artigo propõe-se a refletir sobre a literatura como um espaço de escuta sensível, construção de sentidos e exercício da liberdade, especialmente quando mediada no contexto escolar.

A Literatura Infantil e juvenil como ferramenta de humanização

A leitura literária, desde a infância, colabora para o processo de humanização, uma vez que possibilita ao leitor se ver refletido no outro e ponderar acerca da experiência humana em sua diversidade. Segundo Candido (1996), “a literatura é uma das formas mais poderosas de acesso ao humano, porque nos permite viver vidas que não são nossas”. Essa experiência estética amplia a sensibilidade, oferecendo ao leitor a possibilidade de compreender realidades diversas e de elaborar criticamente sua própria identidade.

No campo da literatura infantil e juvenil, Marisa Lajolo (2001) observa que a literatura não se resume a conteúdos simplificados, mas sim àqueles que provocam inquietação e

respeitam a inteligência do leitor. Regina Zilberman (2005), por sua vez, destaca que obras como *Bisa Bia*, *Bisa Bel* são exemplares por proporcionarem ao jovem leitor um encontro com sua própria subjetividade e com os conflitos culturais e históricos da sociedade: “do diálogo entre a bisavó e a bisneta, nasce o cotejo entre dois tempos e duas visões da mulher [...]. A voz do futuro é interpolada à narrativa para dar conta das transformações que afetam as concepções da mulher” (Zilberman, 2005, p. 85).

Bisa Bia, *Bisa Bel* estrutura-se como uma narrativa que atravessa três temporalidades - passado, presente e futuro - e entrelaça vozes femininas que, de modos distintos, influenciam a formação identitária da protagonista Isabel. Trata-se de uma construção subjetiva permeada por escuta, dúvida, resistência e transformação. Como afirma Bel, em meio às tensões: “Jeitos diferentes de meninos e meninas se comportarem, sempre mudando. Mudanças que eu mesma vou fazendo, por isso é difícil, às vezes dá vontade de chorar” (Machado, 1982, p. 56).

Esse conflito é intensificado quando observamos a presença das ilustrações, que, como afirmam Silva e Lopes (2013), “não são meras reproduções das palavras, portanto constituem uma outra forma de leitura [...] histórias a serem contadas ou (re)inventadas”. As imagens agem como catalisadoras da imaginação, oferecendo pistas e lacunas que, ao invés de esclarecerem o texto, o expandem. A metáfora visual do leque, por exemplo, presente na capa da edição de 1984, representa não apenas um objeto antigo, mas também a continuidade entre gerações e a simbólica “imortalidade” da memória feminina (Azevedo, 2012).



Figura 1: (*Bisa Bia, Bisa Bel*, 5ª. Edição, Rio de Janeiro: Ed. Salamandra, 1984).

Além disso, a composição visual da obra provoca o que Ângela Lago chama de “estranhamento revelador”, algo necessário para que o leitor seja convocado a participar do processo de construção do sentido. Como ela afirma: “dificuldades ou complexidades criarão

respostas mais ricas [...] precisamos de um estranhamento para que haja uma revelação” (Lago, 2011, p.5).

Esse conceito de estranhamento tem origem na teoria literária russa, com Viktor Shklovsky, que o definiu como “o procedimento artístico que torna os objetos familiares estranhos, aumentando a dificuldade e duração da percepção, pois o processo de percepção é um fim em si mesmo e deve ser prolongado” (Shklovsky, 2004). A função da arte, para ele, é justamente desautomatizar a percepção, fazendo o leitor ver com novos olhos aquilo que já lhe parece habitual.

Wolfgang Iser (1996), por sua vez, fala de “lacunas” e “vazios” no texto literário que produzem uma tensão no leitor, exigindo dele uma postura ativa para preenchê-los. Essa ausência intencional de sentido imediato gera uma experiência estética que causa desconforto produtivo: é nesse momento que ocorre a transformação. Para Iser, o texto literário “não oferece o real, mas sim um estímulo para que o leitor o construa”. Jauss (1994), outro estudioso da Estética da Recepção, acrescenta que a obra provoca justamente quando rompe com o horizonte de expectativas do leitor, impulsionando o que ele chama de “distanciamento produtivo”, o ponto de diferenciação do mundo entre o que o leitor prevê e o que o texto oferece. Dialogando com essas ideias, Harold Bloom (1995) complementa que o estranhamento da obra, na sua natureza desconfortável, é exatamente o que a torna grandiosa. Ele diz: “a estranheza, um tipo de originalidade, ou não pode ser assimilada ou nos assimila de tal modo que deixamos de vê-la como estranha” (Bloom, 1995, p. 12). Essa assimilação forçada desloca o leitor de sua zona de conforto e permite o surgimento de novas interpretações e afetos.

Portanto, o estranhamento provocado tanto pela linguagem quanto pela visualidade de *Bisa Bia, Bisa Bel* não é um obstáculo, mas uma porta de entrada para um tipo de leitura mais profunda, crítica e participativa. É nesse encontro com o não familiar, seja no comportamento das personagens, nas escolhas narrativas ou nas ilustrações simbólicas, que o leitor jovem amplia sua percepção estética e se aproxima da experiência literária como processo formador.

A Estrutura Temporal Tridimensional em "Bisa Bia, Bisa Bel"

A narrativa desafia a estrutura linear clássica ao entrelaçar três diferentes épocas: passado, presente e futuro, refletidas nas figuras femininas que povoam a mente da protagonista Bel. Bisa Bia simboliza um passado conservador e tradicional; Bel, por outro lado, é o presente em plena mudança, cheio de dúvidas, brigas e perguntas comuns em um

período de transformação na sociedade e na cultura. E Beta, a bisneta de Bel, aparece como uma visão do futuro, mostrando a esperança de uma mulher mais livre, consciente e emancipada.

Segundo Zilberman, a conversa entre a Bisa e a tataraneta revela uma comparação entre dois momentos e duas ideias de mulher: a tradicional e a atual, mais relaxada. A autora denomina como “trança de vozes”, simbolizando a própria construção da identidade da personagem. Isso destaca a presença de diversos pontos de vista femininos. Dessa forma, o texto cria um confronto simbólico entre diferentes padrões de comportamento e crenças culturais, levando o leitor a ponderar sobre as mudanças na vida das mulheres e seu papel na sociedade ao longo da história.

A metáfora da trança reforça a ideia de que o sujeito é composto por múltiplas vozes internas, carregando em si as marcas do passado, os desafios do presente e as possibilidades do futuro. A fala da personagem sinaliza uma ruptura com os modelos impostos e a aceitação da complexidade que constitui o “eu”.

Essa dimensão formativa da literatura dialoga com o pensamento de Antonio Candido (1996), que defende que a experiência literária é, antes de tudo, um exercício de humanização. Segundo o autor, a literatura possui a capacidade de expandir a percepção do indivíduo ao apresentá-lo às distintas manifestações do outro. Em *Bisa Bia, Bisa Bel*, esse encontro se dá por meio do confronto de Bel com as suas diversas facetas femininas, materializadas nas personagens de Bisa Bia e Beta. Dessa forma, ao possibilitar que a protagonista trilhe uma jornada de autodescoberta, a obra desempenha um dos papéis fundamentais da literatura: auxiliar o ser humano a entender a si e ao próximo, aprimorando a sensibilidade, a compaixão e a aptidão para ponderar sobre a própria vida no mundo.

A Estética da Recepção e o Método Recepcional na Obra

Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser, com sua teoria da Estética da Recepção, propuseram uma maneira inovadora de encarar a leitura de obras literárias, transferindo a atenção que antes se concentrava no autor e no próprio texto para o papel do leitor. Segundo Jauss (1994), a experiência estética se realiza no diálogo entre o texto e os horizontes de expectativa do leitor compreendidos como seu repertório cultural, suas experiências anteriores e suas visões de mundo. Iser (1996), por sua vez, enfatiza os “vazios” do texto, ou seja, as lacunas que só podem ser preenchidas pelo leitor durante o ato de leitura, o que o transforma em coautor do processo de significação.

Umberto Eco (2013) explora essa ideia mais a fundo com o conceito de "obra aberta", que sugere que um texto literário não tem um significado único e imutável. Em vez disso, ele se organiza como um espaço com várias interpretações possíveis. Ao se envolver com a obra, o leitor não só recebe uma informação, mas também participa ativamente da criação de sentidos, discute significados e desenvolve seu olhar crítico e sua sensibilidade em relação ao mundo.

Com base nessas ideias centrais, o Método Recepcional, formulado por Bordini e Aguiar (1993), propõe práticas pedagógicas que valorizam a escuta do leitor, a interpretação ativa e a construção coletiva de sentidos. Ao invés de reduzir a leitura apenas em decifrar códigos ou achar respostas diretas, esse método vê o texto como um lugar de conversa entre quem lê, a obra e o mundo real, incentivando a imaginação, a percepção e a independência de quem lê.

Como afirmam os próprios autores, “a leitura literária, entendida como prática social, deve estimular a produção de sentidos e não simplesmente a repetição daquilo que está no texto. Ler é construir, e não apenas decodificar” (Bordini; Aguiar, 1993, p. 59).

Nessa perspectiva, a literatura deixa de ser vista como um conteúdo a ser transmitido, como uma matéria a ser ensinada, mas sim como uma vivência estética viva, dinâmica, plural e profundamente enraizada no contexto sociocultural do leitor. Trata-se de uma prática formativa que convida à escuta, ao questionamento e à criação, elementos essenciais à formação de leitores críticos e sensíveis.

Vozes femininas e conflito geracional

Um dos aspectos significativos de *Bisa Bia, Bisa Bel* é a tensão simbólica entre três gerações femininas que representam distintos valores, papéis e expectativas sociais atribuídos às mulheres. Bisa Bia, marcada por sua visão tradicional, representa uma mulher educada para a submissão e obediência: “Menina direita não fala alto, não dá risada, não entra na conversa dos outros” (Machado, 1982, p. 15).

Em contraste, Beta surge como uma perspectiva inovadora, motivando Bel a abraçar sua individualidade, a ser independente e a defender suas opiniões: “Seja você mesma. Se ele não gostar de você assim, paciência. Você não tem que fingir” (Machado, 1982, p. 34). Entre essas vozes, Bel se vê dividida, ora absorvendo, ora resistindo aos conselhos de ambas, experienciando um processo de construção identitária permeado por múltiplas temporalidades e contradições.

Esse diálogo entre vozes femininas constitui um espaço privilegiado para pensar o papel da mulher na sociedade e as transformações que atravessam a identidade de gênero. Como Zilberman (2005, p. 85) destaca, “do diálogo entre a bisavó e a bisneta, nasce o cotejo entre dois tempos e duas visões da mulher, a antiga e convencional, representada por Bia, e a moderna e descontraída, encarnada por Bel”.

A literatura, nesse sentido, atua como espelho simbólico da realidade social, conforme defende Sandra Nitrini (2000), ao afirmar que a obra literária também espelha as pressões culturais e ideológicas da sua era. A convivência de vozes femininas de diferentes épocas reflete a disputa entre normas herdadas e novos comportamentos, o que está diretamente relacionado à noção de performance de gênero discutida por Judith Butler (2003). Para Butler, a identidade feminina não é algo dado, mas performado socialmente, e *Bisa Bia, Bisa Bel* evidencia esse processo ao mostrar como Bel vai construindo sua identidade ao resistir ou assimilar os papéis propostos pelas vozes que a interpelam.

Assim, *Bisa Bia, Bisa Bel* se apresenta como uma narrativa que transcende o tempo linear, propondo uma reflexão sofisticada sobre a formação do sujeito feminino. Ao propor o encontro e o confronto entre passado, presente e futuro, a obra não apenas tematiza o conflito geracional, mas instaura uma discussão sobre a liberdade, o desejo e a potência da mulher em construir sua própria história.

A imagem como linguagem: ilustrações e leitura visual

Embora *Bisa Bia, Bisa Bel* seja essencialmente uma obra textual, a presença de ilustrações em diferentes edições contribui significativamente para o processo de leitura, especialmente quando se trata do público infantil e juvenil. Como afirma Zimmermann (2012), “a leitura da imagem complementa, amplia e enriquece a leitura do texto”, o que se alinha ao conceito de letramento visual, fundamental para a formação de leitores no século XXI.

Na edição de 1984, com ilustrações de Regina Yolanda, observa-se uma estética mais tradicional, com traços sutis e um uso moderado de cores, remetendo à memória e ao passado, dimensão representada na narrativa por Bisa Bia. Um dos símbolos visuais de maior impacto é o leque que aparece na capa, o qual, segundo Azevedo (2012), nos transporta ao século XIX e atua como uma representação visual da permanência das linhagens femininas. Outro ponto notável é a utilização do esboço de uma fechadura antiga no design da parte inicial, incentivando o público a explorar um mundo repleto de mistérios e lembranças. As ilustrações

que compõem o interior exploram a dinâmica de exhibir e ocultar, insinuando, por exemplo, o baú de recordações sem mostrar o que há dentro, despertando a curiosidade da criança que lê.



Figura 2: (Bisa Bia, Bisa Bel, 5ª. Edição, Rio de Janeiro: Ed. Salamandra, 1984).

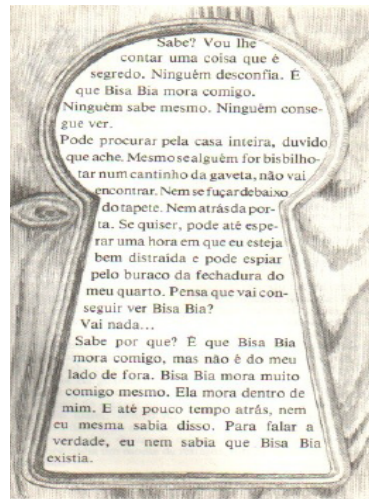


Figura 3: (Bisa Bia, Bisa Bel, 5ª. Edição, Rio de Janeiro: Ed. Salamandra, 1984, p. 5).

Na versão de 2007, com ilustrações de Mariana Newlands, a estética é bem mais vibrante e acessível, com desenhos marcantes e sequências que exibem, sem rodeios, pontos cruciais da história. A capa dessa edição, por exemplo, mostra Bel cercada por Bisa Bia e Beta, que parecem ao seu redor, cada uma com cores e vestuários que indicam sua época: tons de amarelo representando o passado e cores vivas simbolizando o futuro. As ilustrações internas seguem essa mesma linha dinâmica, exibindo de forma clara objetos importantes, como a fotografia da bisavó e a caixa de recordações, criando uma sensação de expectativa e reduzindo o suspense, algo que a edição anterior incentivava com sua leitura mais implícita.



Figura 4: (capa Bisa Bia, Bisa Bel 3ª ed. Rio de Janeiro. Salamandra 2007)

Essas diferenças entre as edições, no que se refere ao trabalho das ilustradoras, também podem ser compreendidas a partir das categorias de relação entre texto e imagem apontadas por Linden (2011): a edição de 1984 investe na colaboração e na disjunção, permitindo que o leitor crie sentidos para além do que é mostrado. Já na edição de 2007, percebe-se uma certa repetição, pois as imagens acabam por mostrar de forma muito direta o que já está dito pelas palavras no texto. Essa escolha editorial dialoga com os diferentes contextos de produção e recepção: leitores de hoje em dia estão acostumados com informações mais rápidas e com imagens, o que pode demandar estímulos gráficos mais diretos.

Segundo Lajolo (2001), a leitura transcende a mera decodificação; ela é uma interpretação da realidade. Dessa maneira, ao unir texto e imagem, a obra potencializa seu alcance e amplia seu impacto, proporcionando ao leitor variadas vias para a criação de significado. As ilustrações, então, não servem apenas como adornos visuais, mas como partes integrantes da narrativa, aptas a recordar sentimentos, ritmos temporais e mudanças na identidade de Bel. Dessa forma, a obra se consolida como um exemplo valioso de literatura infantil e juvenil que articula, de maneira sofisticada, linguagem verbal e visual para provocar reflexões profundas sobre memória, tempo, gênero e identidade.

A recepção da obra no contexto da educação básica

A obra *Bisa Bia, Bisa Bel*, de Ana Maria Machado, tem se mostrado uma leitura potente no contexto da Educação Básica, especialmente por seu conteúdo simbólico, linguagem acessível e complexidade emocional que dialoga com os dilemas da adolescência. Ao abordar temas como a construção da identidade, os papéis femininos e o diálogo entre gerações, a narrativa proporciona aos estudantes a oportunidade de refletir sobre si mesmos, seus contextos e seus projetos de vida.

A recepção da obra por leitores em formação pode ser compreendida com base na teoria do horizonte de expectativas, criada por Hans Robert Jauss (1994). Segundo essa teoria, a obra literária provoca o leitor, questiona suas certezas e amplia suas visões de mundo. *Bisa Bia, Bisa Bel* realiza essa função ao apresentar uma viagem interna, com vozes femininas que mostram tempos, ideias e sentimentos diversos. O leitor é levado a se colocar no lugar da personagem, ativando um processo de identificação que favorece a leitura de forma crítica e o desenvolvimento da empatia.

Nesse processo, o papel do professor como mediador de leitura assume um caráter essencial. Cabe a ele conceber ambientes de aprendizado que conectem os estudantes com a literatura de uma maneira relevante, incentivando experiências que vão além da simples decodificação textual. A realização de leituras coletivas, rodas de conversa, produções artísticas e projetos interdisciplinares, a exemplo de feiras de livros e interações com escritores, são abordagens que aumentam o interesse dos alunos e dão significado aos livros estudados nas aulas.

Teresa Colomer (2003) aponta que, na escola, formar um leitor literário exige um percurso de leituras bem planejado, que considere a idade e o entendimento dos estudantes. Essa jornada deve ser pensada para que o aluno se depare, pouco a pouco, com textos mais desafiadores, e consiga relacionar as histórias com o que ele já viveu. Assim, a leitura de *Bisa Bia, Bisa Bel* surge como uma oportunidade de estimular a conversa entre o mundo inventado do livro e o dia a dia dos jovens que leem, refletindo sobre temas como liberdade, escolha e pertencimento.

Assim como argumenta Antônio Candido (1988), a literatura é crucial no desenvolvimento humano, pois possibilita "viver outras vidas". No contexto da escola, essa imersão ganha uma dimensão educativa e moral, ajudando a moldar indivíduos mais empáticos, reflexivos e cientes da sua importância na sociedade.

Assim, inserir *Bisa Bia, Bisa Bel* no currículo da Educação Básica não é apenas uma estratégia para desenvolver habilidades linguísticas, mas uma ação pedagógica que mobiliza afetos, amplia o repertório cultural e promove a formação integral dos estudantes. Como propõe Umberto Eco (2013), o texto literário é uma obra aberta, que se completa na leitura ativa do sujeito. Quando essa leitura ocorre em um ambiente mediado por práticas significativas, a literatura cumpre seu papel formador, transformador e humanizador.

A literatura como emancipação: reflexões pedagógicas

Dessa forma, *Bisa Bia, Bisa Bel*, de Ana Maria Machado, reafirma o papel da literatura como experiência transformadora no processo formativo. Ao provocar o leitor a refletir sobre temas como quem somos, a relação com o outro, a autonomia e a passagem do tempo, o livro se torna uma ferramenta importante para a introspecção e para a compreensão da sociedade. Sem entregar soluções fáceis, a história incentiva a pensar por conta própria e a criar interpretações pessoais, pontos essenciais para que a capacidade de análise crítica floresça desde o início da vida escolar.

Essa dimensão interpretativa que a obra desperta dialoga diretamente com os pressupostos teóricos de Hans Robert Jauss (1994) e Wolfgang Iser (1996), que enfatizam que o texto literário não é uma estrutura estática, mas um convite permanente à participação ativa do leitor. No contexto pedagógico, essa perspectiva amplia a função da literatura, que deixa de ser apenas objeto de ensino para se tornar prática viva de interpretação e de ressignificação do mundo. Quando mediada com sensibilidade e intencionalidade, a leitura de obras como *Bisa Bia, Bisa Bel* estimula o diálogo entre o texto e a experiência do leitor, promovendo uma aprendizagem que ultrapassa os limites do conteúdo programático.

Em consonância com essa perspectiva, Candido (1992) enfatiza o valor da literatura como ferramenta de desenvolvimento humano, ressaltando que seu papel transcende a estética, atingindo âmbitos éticos e sociais. Para o autor, a literatura estimula a compaixão, a sensibilidade e a consciência ética, elementos essenciais na construção de indivíduos críticos e ponderados. Assim, incluir obras literárias no contexto escolar, principalmente aquelas que abordam conflitos entre gerações, lembranças e diferentes individualidades, equivale a proporcionar ao estudante uma chance de se reconhecer como um ser histórico e cultural. É nesse diálogo entre leitor e narrativa que se manifesta o verdadeiro poder libertador da literatura, uma prática que forma cidadãos mais atentos a si mesmos, ao outro e ao mundo em constante transformação.

Considerações finais

A análise de *Bisa Bia, Bisa Bel* revela que a obra vai além do que se espera da literatura infantil e juvenil convencional, proporcionando uma vivência estética e formativa. A narrativa de Ana Maria Machado articula vozes femininas de diferentes tempos para construir, com sensibilidade e profundidade, a trajetória de uma menina em busca de si mesma. Essa estrutura narrativa, ao promover o diálogo entre diferentes gerações e temporalidades, convida o leitor a refletir sobre identidade, memória e transformação social.

Fundamentada em teorias literárias como as de Candido, Lajolo, Zilberman, Jauss, Iser e Eco, a presente análise evidencia o potencial da literatura como ferramenta de emancipação e humanização. A leitura de obras literárias, dessa forma, vai além do simples entendimento das histórias, expandindo a visão dos alunos sobre os diversos aspectos da vida e aprimorando sua habilidade de interpretar o mundo e de perceber as diferentes perspectivas sociais e históricas.

Bel, ao afirmar “Eu sou eu!”, sintetiza o processo de autodescoberta proporcionado pela escuta, pelo confronto e pela integração de experiências simbólicas. Essa afirmação, longe de ser individualista, é fruto de uma construção coletiva de vozes, tempos e afetos - a verdadeira “trança de gente” - que forma a identidade.

Dessa forma, reafirmamos que a literatura representa um direito fundamental e uma necessidade humana. Por meio de obras como *Bisa Bia, Bisa Bel*, esse direito se concretiza, permitindo que leitores de diferentes idades se reconheçam como sujeitos históricos, críticos e sensíveis. Ao ser integrada de maneira consciente nas práticas pedagógicas, a literatura revela sua força transformadora, capaz de ampliar horizontes e formar leitores que interpretem não apenas o texto, mas também a complexidade da vida e das relações humanas.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Aroldo. **Cultura letrada: literatura e leitura**. São Paulo: Contexto, 2006.
- AZEVEDO, T. e RABINOVICH, E. P. Retratos da avó na literatura infantil contemporânea de Ana Maria Machado e Ruth Rocha. **Psicologia USP**, São Paulo, 23(1), p. 211-231, 2012.
- BLOOM, Harold. O cânone ocidental. São Paulo: Objetiva, 1995.
- BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura e formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1996.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1988.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Ática, 2000.
- COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2003.
- ECO, Umberto. **Obra aberta**. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. São Paulo: 34, 1996.
- JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.

LAGO, Ângela. Portas e Janelas. **Revista FronteiraZ**, São Paulo, n. 6, p. 5, abr. 2011.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2001.

LINDEN, Sophie Van der. Aspectos narrativos. In.: **Para ler o livro ilustrado**. São Paulo: Cosac Naify, 2011, p.120-126.

MACHADO, Ana Maria. **Bisa Bia, Bisa Bel**. 3º. ed. São Paulo: Moderna/Salamandra, 2007.

MACHADO, Ana Maria. **Bisa Bia, Bisa Bel**. 5ºed. Rio de Janeiro: Salamandra, 1982.

NITRINI, Sandra. Literatura comparada: teoria e prática. São Paulo: Edusp, 2000.

SILVA, Roginei Paiva da; LOPES, Elisa Cristina. O leitor e a roupagem do livro: uma possível sedução. **Gláuks Online**, Viçosa, v. 13, n. 2, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/glauks/article/view/6826>. Acesso em: 15 maio. 2025.

SHKLOVSKY, Viktor. A arte como procedimento. In: TODOROV, Tzvetan (Org.). **Teoria da literatura: textos dos formalistas russos**. Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 13-22.

ZIMMERMANN, A. **Explorando as ilustrações de livros infantis: suas possíveis leituras**. 2012. Disponível em: http://www.gpae.ceart.udesc.br/artigos/artigo_anelise_zimmermann.pdf, acesso em: 23 maio 2025

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.